



# COMPARATISMO DOS CORPOS FEMININOS NEGROS EM MENINO DE ENGENHO E BECOS DA MEMÓRIA

## COMPARATISM OF BLACK FEMALE BODIES IN MENINO DE ENGENHO AND BECOS DA MEMÓRIA

Evany da Conceição do Nascimento<sup>1</sup>

Ednólia da Silva Farias<sup>2</sup>

Rubenil da Silva Oliveira<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é o resultado da análise dos estereótipos encontrados nas obras *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, e como objeto de análise as personagens Zefa Cajá e Cidinha Cidoca das obras respectivas, atendo-se à temática da prostituição nos diferentes contextos de construção literária sob a perspectiva da Literatura Comparada. Objetivou traçar as transcrições de uma sociedade que, silenciada pelos dispositivos de poder heteropatriarcal, perpassa a cultura de opressão aos corpos femininos pretos, agregando-os unicamente ao erotismo descartável em espaços que veiculam as mais diversas subalternidades. O contexto pelo qual as personagens em análise se colocam ao dispor os seus corpos não é primado pela liberdade de escolha, mas pelas condições precárias de sobrevivência que atravessam a realidade vivida e por isso se põem assim. De um lado, Carlos de Melo exibe a sexualidade desenfreada atribuindo à Zefa o estereótipo heteropatriarcal que enxerga a mulher “mundana” porque preta-prostituta. De outro, Maria Nova apresenta a Cidinha Cidoca numa visão eufemizada do machismo-racismo, a mulher de “rabo-de-ouro”. O método de pesquisa adotado foi a revisão bibliográfica, tendo como fonte artigos, livros, tese e organizadas em fichamentos para análise qualitativa-interpretativa. O respaldo teórico é pautado nas teorias de Brunel; Pichois e Rousseau (1990), Nitirini (2021), Carvalhal (2006), Bhabha (2013), Costa (2020), Oliveira e Santos (2020), Spivak (2010) e outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Comparada. Corpos femininos. Estigmas culturais.

### ABSTRACT

The present work is the result of the analysis of the stereotypes found in the works *Menino de Engenho* by José Lins do Rego and *Becos da Memória* by Conceição Evaristo, and as object the characters Zefa Cajá and Cidinha Cidoca of the respective works, sticking to the theme of prostitution in different contexts of literary construction from the perspective of Comparative Literature. It aimed to trace the transcripts of a society that, silenced by heteropatriarchal power devices, permeates the culture of oppression of black female bodies, adding them only to disposable eroticism

<sup>1</sup> Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (PGLetras/UFMA). Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade de Educação de São Luís (FESI). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: evannyno@gmail.com.

<sup>2</sup> Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras Bacabal (PPGLB) da Universidade Federal do Maranhão (PPGLB/UFMA). Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: ednoliad@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Adjunto 1 na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Doutor em Letras: linguística e teoria literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Graduado em Letras pela UEMA e em Ciências Humanas – Sociologia pela UFMA. E-mail: rubenil.oliveira@ufma.br



in spaces that convey the most diverse subalternities. The context in which the characters under analysis make their bodies available is not dominated by freedom of choice, but by the precarious conditions of survival that cross the lived reality and that is why they are put in this way. On the one hand, Carlos de Melo displays unbridled sexuality, attributing to Zefa the heteropatriarchal stereotype that sees the “worldly” woman as a black prostitute. On the other hand, Maria Nova presents Cidinha Cidoca in a euphemized vision of machismo-racism, the woman with the “golden tail”. The research method was bibliographical, having as source articles, books, thesis and organized in files for qualitative-interpretative analysis. The theoretical support is based on the theories of Brunel; Pichois and Rousseau (1990), Nitrini (2021), Carvalho (2006), Bhabha (2013), Costa (2020), Oliveira and Santos (2020), Spivak (2010) and others.

**KEYWORDS:** Comparative Literature. Female bodies. Cultural stigmas.

## 1 INTRODUÇÃO

A análise deste artigo tem como objeto as personagens Zefa Cajá da obra *Menino de Engenho*, do paraibano José Lins do Rego (2012) e Cidinha Cidoca de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2018), tem como objetivo traçar o paralelo intertextual sobre o corpus comparativo quanto ao tema prostituição nos moldes da literatura regionalista-modernista da geração de 1930, com contexto social do início do século XIX e da literatura menor periférica pós-moderna.

Esse entrelaço entre literaturas diferentes objetiva analisar os discursos narrativos que estigmatizam as personagens Zefa Cajá e Cidinha Cidoca nas obras *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, sob a perspectiva da Literatura Comparada, bem como, identificar os espaços em que se dão os fatos narrativos nas obras em análise, descrever as principais construções de discursos que estigmatizam as personagens em estudo, assim como, os pretextos sociais e culturais os quais impulsionam os comportamentos das personagens e os subjugamentos atribuídos a elas, com dados obtidos através da pesquisa bibliográfica, aplicado o método interpretativo, já que a proposta da intertextualidade “ não é de rastreo” (Carvalho , 2006, p. 55).

A organização deste trabalho foi estruturada, em duas seções, a primeira intitulada A intertextualidade sob a luz da literatura comparada, que assegura a legitimidade literária sob o crivo da crítica que abarca a sociológica e os estudos culturais, tendo como fio condutor o feminismo intersocial histórico, e a segunda com o título A aplicação intertextual na análise literária de *Menino de Engenho* e *Becos da Memória*, em que é tratada análise comparativa do objeto supracitado, além da introdução e considerações finais.

Na busca de assimilar pontos convergentes em textos literários, a intertextualidade é uma modalidade linguística que faz entender de que forma os contextos diferentes fazem conversar com minutas presentes entre narrativas que foram publicadas em contextos opostos, ainda mais quando a crítica literária patenteia os ditos cânones literários. A aproximação com literaturas dita “menores”, em que vozes secundarizadas e silenciadas por um estilo elitista de escrever e publicar, finalmente alcança alguns ouvidos, surgem propostas novas que merecem destaque no âmbito acadêmico-científico.

## 2 A INTERTEXTUALIDADE SOB A LUZ DA LITERATURA COMPARADA

O termo intertexto advindo dos pressupostos de Julia Kristeva (2005) dado em analogia ao dialogismo de Mikhail Bakhtin, propõe a interrelação textual que ultrapassa o texto do modelo formalista e estruturalista, embora que a proposta bakhtiniana tenha servido também intenções referenciais mais do que as intenções da recepção, calcando-a na literariedade. Dito isso, é legítimo aclarar que o dialogismo, outrossim, preocupou-se com as relações do mundo, superou as complexidades dessas relações literais e constituiu possibilidades interacionais aos textos literários promovidos pela intertextualidade.

Partindo ainda para o trânsito sobre o qual repousa o campo intertextual, convém destacar a esteira hermenêutica que consolida as convenções interpretativas que favorecem os objetos do texto ao movimento intencional do leitor. É servindo, obviamente, a tese proustiana de “que não há leitura inocente, ou transparente: o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores” (Compagnon, 2010, p. 146). As lacunas presentes no texto literário, principalmente, convocam constantemente as contribuições que acrescem os seus objetos, colocando-o também na função textual interpretativa, que atende basicamente, os eixos das predisposições do autor. Daí surgem os conceitos sobre intencionalidade, que aqui nos interessa sobre o viés da Literatura Comparada, no âmbito superado das oriundas influências de Wellek e Warren (XXXX), em Teoria da Literatura<sup>4</sup>.

A análise ao qual este trabalho propõe trata de reflexões sobre os deslocamentos que transformam as artes e como as interpretações se dão em novos contextos. Pautado no entendimento de Tania Carvalhal (2006), sobre o processo investigatório de um mesmo problema

---

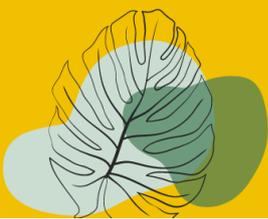
<sup>4</sup> Wellek, René; Warren, Austin. História literária. In: **Teoria da Literatura**. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 2003.

em contextos diferentes, é o que culmina a possibilidade de pontuar as convergentes problemáticas que atravessam os séculos, de evocar pontos que também são restaurados ao longo do tempo, seja pela linguagem, seja no corpus material.

Ao discorrer e esboçar a literatura de José Lins do Rego na obra *Menino de Engenho* e em paralelo à autêntica voz de Conceição Evaristo em *Becos da Memória* no tocante às representações que são elementadas aos corpos femininos pretos, essas obras refletem a preponderância do patriarcalismo racista e como ele atua no despender às mulheres pretas, tendo a imagem física do corpo, a primeira que está presente no campo do ciclo açucareiro brasileiro, em que a casa-grande esmaga a senzala mesmo quando os ditos libertos continuaram na atividade de subserviência de seus donos, e a segunda, na favela belorizontina, em os seus moradores vivem à sombra da nobreza à vista nos bairros ricos na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte

Traçar as transcrições de uma sociedade que, silenciada pelos dispositivos de poder patriarcal, que perpassa a cultura de opressão aos corpos femininos pretos, agregando-os unicamente ao erotismo descartável em espaços que veiculam as mais diversas subalternidades nessas duas literaturas, é possível devido ao vínculos de analogia que a Literatura Comparada abarca, teoria defendida por Brunel (1990) ao que está presente no extraliterário: “Sistematizando poder-se-ia dizer que o estudo temático destacará vários estratos: uma temática pessoal, uma temática de época, uma temática ancestral, e talvez eterna (Brunel; Pichois; Rousseau, , 1990, p.112).

Essa busca de afinidades contextuais literárias na percepção da Carvalho (2006) enseja-se a busca de objetos ou matérias que a Literatura Comparada possa intervir de forma que o intertexto possa explicar o modo pelos quais a comparação é possível, em diálogo consoante à Sandra Nitrini (2021). Por isso, as teóricas em questão esclarecem que embora haja múltiplos métodos comparativos, “não é um processo tranquilo nem pacífico” (Carvalho, 2006, p.53). Isso porque cada obra tem as suas singularidades, e o desafio de aproximá-las, de diferenciá-las, requer cautela do analisador para que não caia na repetição e fetiches ideológicos sociais. O uso do extraliterário, é sobretudo preservar os limites que, intrinsecamente, autores e obras propõem a fim de propor uma produção crítica intertextualizada.



### 3 A APLICAÇÃO INTERTEXTUAL NA ANÁLISE LITERÁRIA DE MENINO DE ENGENHO E BECOS DA MEMÓRIA

Ao interceder traços memorialistas por meio da Literatura regionalista na obra primeira que constitui o ciclo açucareiro no Nordeste, o autor José Lins do Rego, em *Menino de Engenho*, intercala os enfoques narrativos de modo que explicam entre si os acontecimentos, num estilo não linear, seja da tratativa dos engenhos no que concerne às atividades campestres, seja dos comportamentos que interpõem a casa senhoril até os espaços ocupados pelos subservientes: “Não há nada nele que não seja o espelho do que se passa na sociedade rural e na das cidades Norte e Sul do Brasil. É de todo o Brasil e um pouco de todo mundo” (Ribeiro apud Coutinho, 1980, p. 90).

O Elri Bezerra de Sousa (2011, p. 17) consagra essa construção reguiana “entre memória e ficção, entre arte e realidade”, patenteou um estilo literário que o autor se inscreve na obra, se confunde nesse fazer literário sem, no entanto, deixar de registrar os marcos importantes que assolam a sociedade presente no contexto ao qual se desenvolve a narrativa. Nesse sentido, observa-se que a função social literária atraca às ideias que escapam ao próprio autor no tocante às inserções universais, porque é de matéria própria do ser literário as possibilidades de entraves que carrega o que constitui os periféricos que ditam às formas e métodos.

Desse modo, os contextos sociais inserem-se na obra involuntariamente, entoam as marcas e impactos que podem causar nos leitores no atravessar de séculos e, mesmo assim, registrar uma realidade corrente, que mesmo fragmentada, inscreve-se constantemente. Nesse condão, Alfredo Bosi (2002) ressalta que “o espaço da literatura, considerado em geral como lugar de fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente” (Bosi, 2002, p. 135).

O patriarcado rural presente nos discursos narrativos leva o narrador a imaginar-se como grande perante os que os circundam, pautado nos dispositivos de poder existentes e preestabelecidos naquela sociedade. É através do personagem Carlos de Melo que José Lins do Rego reconfigura a transmutação entre um passado-presente memorial marcado pelos experimentos de um menino no engenho. Esses marcos constituíram em Carlinhos a imagem do homem forte e da mulher frágil, numa visão estereotipada que serve ao machismo patriarcal, num caráter determinista e serve com amparo a todas as atitudes posteriores quanto a formação comportamental do menino enquanto vive no engenho do avô, marcado pela engenhosa conduta do mais forte sobre os dominados, mesmo que de forma eufêmica, as palavras, as atitudes, a nova

vida, cria em Carlinhos a importância de ser neto de um senhor de engenho, e que essa patente era suficiente para absolver em qualquer instância diante de atitudes desregradas.

A criação artística de Rego é a interpenetração para melhor compreender e eleger quais heranças o Brasil que ainda no século XIX fincavam a autêntica cultura europeia na formação comportamental política, econômica e social e sobre quais prejuízos humanos essa tradição de poder trancava os brasileiros subservientes, dentre eles as mulheres pretas remanescentes da escravidão, que na realidade de servil tornavam-se eternas subalternas da casa-grande. Sobre esse legado de superpoder de classe e gênero, a Gerda Lerner (2019) em a criação do patriarcado esboça que foi por meio da escravidão de mulheres, que combinado o racismo e machismo que fora formado as classes e a opressão dos minorizados. E essa escravização, em sua gênese, segundo a Lerner (2019), fora promulgada através da sexualização dos corpos femininos, e assim fora formada a posição social de mulheres que através da sexualização alcançaram algum prestígio social, mesmo que tornando-se propriedade do masculino, mas enquanto esposas apenas, pois rebaixar-se à sexualização daria uma marca de mulher sem respeito.

Na literatura de Rego quando ele insere uma prostituta, que socialmente era tida como a “mundana”, através de Zefa Cajá, o narrador entrega a dissimulada moral patriarcalista, em que objetifica os corpos femininos pretos, numa lógica de satisfação descartável de corpos e desejos sexuais. Ou seja, permite aos machos o experimento do sexo libertino, mas que não tolera a situação da mulher a qual realizam-se a suas luxúrias. A Grada Kilomba diz que as “formas de opressão não operam em singularidade, elas se entrecruzam” (Kilomba, 2019, p. 98). Isso quer dizer que o racismo e o poder sobre a mulher estão inteiramente ligados às estruturas de domínios, sejam de classes, gêneros e raça. Ora, é sabido que ao longo do tempo as formas de manifestação do machismo-racismo se reinventam, se renovam, em falsos discursos de representatividades. E essas sombras “generosas” afiançam sem responsabilidades, verdadeiras tradições de preconceito institucionalizado.

Gilberto Freyre (2015, p. 86) sugere que os preconceitos de raça devem ter feito parte de uma sociedade monoculturista e latifundiária do Brasil. A evidência disso é possível obter na leitura reguiana em observar quais papéis mulheres pretas eram submetidas nos átrios do engenho, mesmo que recém-libertas. O poderio escravocrata é tão controlador que sequer promove a dignidade da “falsa liberdade”, o que de fato concretiza é a permanência e legalizada vontade de ser servil, pautado numa conclusão equivocada de bondade.

Partindo para a compreensão o qual a mulher é retratada em *Menino de Engenho*, faz necessário observar o confronto trazido do ponto de vista interpretativo do que significava as relações entre a mulher preta e o homem, entre a mulher branca e o homem, entre o senhor e os empregados. Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala* (2006), chegou a considerar essa relação de divisão entre classes e raças, ao espírito econômico que sempre agiu como “deus poderoso”. Daí nasce as relações de poder entre os nascidos e criados no engenho.

De outro lado, Gerda Lerner (2019), traça os significados sobre a diferença de classe, a qual atribui essa assimetria por meio do gênero masculino e feminino. Diz Lerner (2019), que “para as mulheres, exploração sexual é a própria marca da exploração de classe” (Lerner, 2019, p. 264), enquanto que “para os homens, a classe foi e é baseada em sua relação com os meios de produção” (Lerner 2019, p. 264). É sabido que Spivak (2010), partiu para a crítica sobre a consciência da mudez da mulher subalterna, e que supõe a gênese que a torna assim, mesmo com a difusa e crescentes manifestos feministas, e acrescento, os movimentos antirracistas que atravessam os séculos após a abolição, quanto à objetificação da mulher preta, ainda pressupõe no concreto, que a figura feminina preta, deva ocupar um lugar na sociedade, lugar este que está reservado no trabalho doméstico, com salários mínimos e jornada de trabalho degradante e cumulativa, entre afazeres da casa e cuidar de filhos das patroas brancas, enquanto a envenenada pela cultura da branquitude, mesmo sendo silenciada em diversos contextos, busca a libertação de sua escravatura por meio de outra escravização da mão de obra, e de outra mulher, na maioria dos casos, da mulher preta, como pontua Lélia Gonzalez (2020).

Todo esse sistema de consciência sobre a subalternização e silenciamento da mulher subalterna que Spivak descreve, Bourdieu (2021) esclarece ser em virtude de um sistema que incorpora, consciente ou inconscientemente, estruturas de dominação masculina da supremacia branca. Foi assim, que o narrador Carlos de Melo, por exemplo, quando fala da velha Sinhazinha, com a escrava liberta e adolescente preta Josefa, determina a origem dessa consciência subalterna, por mais difícil que tenha se tornado para historiadores e sociólogos, faz refletir o fato de temer perder os meros privilégios de poder adentrar à casa-grande.

À luz da Literatura Comparada, a fim de refletir pontos que atravessam as perspectivas intraliterárias e extraliterárias, o objeto de análise são as personagens Zefa Cajá, em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e a Cidinha Cidoca, em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, no tocante ao tema prostituição em contextos culturais e de época diferentes, possibilitando a aproximação de visões sobre o patriarcado no decorrer do tempo que abarcam essas narrativas. A

situação da personagem Zefa, enfatiza a gênese da conformidade da mulher preta sob domínio eterno da escravidão sistêmica das ordens patriarcais: abrem as suas pernas e tornam-se para a sociedade as corruptoras de meninos. “Os senhores de engenho tomavam deboche de mim, dando-me confiança nas suas conversas. Perguntavam pela Zefa Cajá, chamavam-na de professora” (Rego, 2012, p. 135).

Cleonildo Costa (2020) afirma que “Sem dignidade, Zefa Cajá era vista por todos com desdenhoso olhar. [...] A narrativa, ao nosso ver, permite ligar a construção identitária da prostituta aos papéis sociais que a ela se interpõem” (Costa, 2020, p. 91-92). Daí, é visível o aparecimento sufocado da mulher que, pelos regimes patriarcais, é mal vista, mas que insere a sua identidade como mulher preta e livre, que embora com o corpo dominava as lascívia moralistas do homem.

De outro, Maria Nova, narradora principal de *Becos da Memória* apresenta a Cidinha Cidoca numa visão eufemizada do machismo-racismo presente naquela sociedade, que vivendo às margens da miséria, seguia um padrão hierárquico de mulher pura, nomeava-a de “rabo-de-ouro”: “Festival de bola no campo. Festival no corpo de Cidinha-Cidoca” (Evaristo, 2018, p. 20). As vozes que falam, seja masculina ou feminina, denunciam de ambos os lados como a mulher preta é tratada socialmente e como isso as isolam dos convívios comunitários compartilhados no que diz respeito ao que entendem por moralidade. As deturpações interpretativas que versam sobre esse tema fazem com que mulheres pretas e pobres permaneçam ainda mais num estado de estagnação social bombardeadas de estereótipos, racismo-machismo, disputas de servidão social inconsciente que faz os ditames masculinos e as estruturas se prevalecerem sobre os comportamentos de mulheres de todas as camadas sociais e raciais.

Esse mercado de conservadorismo que atravessa a consciência é bem pontuado pela narradora principal de *Becos da Memória*, quando Cidinha Cidoca se aproxima de quaisquer espaços da favela: “Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo-de-ouro” (Evaristo, 2018, p. 17). Essa classificação de estereótipos sobre corpos femininos, em que mulher branca é a ideal para formar família e a mulher preta para diversão sexual, também é evidenciado na *Literatura de Conceição* Evaristo que promulga uma literatura que prioriza as vozes de pessoas que vivem em constância situação semântica do prefixo “des”: desfavelamento, despertencimento, desvirtudes, desrespeito, desfavorecimento.

Neste sentido, percebe-se que os sujeitos favelados caracterizados por Maria Nova são idênticos socialmente à absurda legalização da imposta ideologia classista verticalizada heteropatriarcal e a tão repetida analogia de casa-grande e senzala de Gilberto Freyre (2006). A

casa-grande evidenciada por José Lins do Rego é nos moldes escravistas devido a narrativa ser contextualizada após a Lei da abolição, tendo as suas características físicas idênticas às da casa senhorial e dos escravos “libertos”. Carlos de Melo pontua com exatidão que a permanência da escravatura ainda é presente no engenho Santa Rosa: “A senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição” (Rego, 2012, p. 80). Mulheres pretas, principalmente, optaram a permanecer na subserviência de seus eternos donos em vista que a maioria não dispunha de condições econômicas capazes de refugiarem-se da atual situação de servidão. A opção de permanência visava o meio básico de sobrevivência: o prato de comida enquanto cozinha na casa grande, analogicamente o que os europeus fizeram com seus escravos libertos “espécies de parentes pobres” (Freyre, 2006, p. 435) que sofriam paulatinamente a brasilidade com toques europeus de seus senhores.

Quando Gilberto Freyre (2006) atribui ao termo Casa-grande a todo um sistema econômico, social, político de produção, abarca as mais diversas e renovadas formas de escravização que perpetua no decorrer dos séculos em retratos bem especificados em diversas obras literárias. As contextualizações de Conceição Evaristo em *Becos da Memória*: “Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, à favela onde morava” (Evaristo, 2018, p. 51) às de Freyre (2006), em relacionar a nobreza e a periferia favelada, faz-se examinar o espelho histórico-social e linguístico que se deslocam tempo a tempo, entretanto, permanece a semantização intacta. Bem dito o que o Bosi (2002) escreveu que “nem tudo que é dito novamente, é simplesmente dito “de novo”; novamente pode ser também advérbio de modo; dizer novamente: dizer de maneira nova (Bosi, 2002, p. 255). Pontualíssimo, sobretudo essa afirmativa, afere a manutenção de poder em prestigiar determinada classe e raça.

As análises em questão são obras diferentes na representação do mesmo objeto: conversam entre si do ponto de vista Intertextual, que nessa perspectiva, Carvalho (2006), entoa que essas relações fazem com que a interpretação dos motivos que geram essas relações. A realidade de fato da vivência da favela, se configuram ainda o que o Derrida fala, “o do poder de dizer o não dito” (Derrida, 2014, p. 26) em trazer temas pouco ou nenhum tratado em tais contextos, e a do engenho a reprodução grotesca do machismo-racismo reproduzido outrora. Os contrastes de espaço e tempo sobre a ligação entre as duas literaturas ainda realçam a permanência de antigos e novos comportamentos preconceituosos. Essas reproduções apoderam-se das leis naturalistas que vigoraram as literaturas do século XIX, por exemplo, a ideia em que o corpo feminino preto servia para a sexualização dos machos brancos, e isso perpassa de geração em geração. Tão certo de que essa conservação desse parâmetro iria definir os comportamentos futuros ou até mesmo como a

família patriarcal se preocupava em manter em seus seios a branquitude que não aceitavam a formalização de matrimônio entre branco e preto, rico e pobre, a fim de que essa contaminação racial e classista não atingisse a reputação conservadorista e hipócrita que circundava as “casas-grandes”.

Atrair a temática que versa sobre a prostituição do corpo feminino preto quando isso reflete basicamente os dispositivos de poder que emanam a subordinação à servidão sexual, faz com que teorias feministas escancarem que essas situações não se dão por liberdade, escolha, e sim obedece a essa chave controladora que imersa ao machismo e racismo. De José Lins do Rego a Conceição Evaristo, os dizeres dispensados a esses corpos são semelhantes. E o curioso é que o destino dado a estes corpos é a culpabilização de transgredir o macho branco, e que por mais que sofram as consequências e maledicências a mulher que vive em tal situação é quem sofre as demasiadas feitura de quem a refuta: a mulher preta contrai doenças de mundo dos brancos e acabam em cadeias como se fosse o agente primário: “Botaram Zefa Cajá na cadeia, e eu, desconfiado, com vergonha de olhar o povo” (Rego, 2012, 134). Ou ainda, as maledicências, a exclusão social, faz com que essas mulheres acabem na autodestruição.

Em análise à prática sexual de Carlinhos antecipada em idade, atribui-se à cultura heteropatriarcal em que estimava a mais breve virilidade do masculino. Mulheres pretas eram as escolhidas, para tal iniciação, ou ainda se serviam de animais, pois a virgindade a ser conservada seria para as mulheres moças brancas, filhas dos senhores que detinham o requinte comportamental e físico para atender ao perfeito matrimônio, que por sua vez, servia de objeto de troca em nome da parceria conservadora da boa imagem senhoril. O fato é que o homem criado no engenho teria que entoar a imagem do “macho”, e por isso partia às depravações e libertinas habitualmente.

Ao dizer que a personagem Zefa Cajá era a “grande mundana dos cabras do oito” (Rego, 2012, p. 134), quando na verdade, eram os filhos dos senhores que viviam circundando a casa dela, é a típica cultura do homem branco que se apropria da mulher preta, mas que sente vergonha de afirmar os relacionamentos que ultrapassam as relações sexuais, em vista que a cultura a qual serve, celebra e manifesta, é que apenas mulheres brancas são as ideais para a formação da família, principalmente, as filhas dos nobres com requintes estéticos e cognitivos. Zefa Cajá, sem dúvida, foi a peça fundamental para o estudo de inúmeros objetos literários que versam sobre a promiscuidade sexual antecipada de meninos e homens do engenho Santa Rosa. E sobre ela, neste trabalho, a ressalva é de que a preta, para a sociedade a qual se dá a narrativa, era o significado dissolvente do desejo, da volúpia e perniciososa.

E sobre essas perspectivas, faz refletir alimentada pela visão de Antonil in Freyre (2006), é que o contexto pós-escravidão, fazia com que as mulheres pretas vivessem dependentes da troca de seus corpos por iguarias alimentares, vez que não detinham de nenhuma outra forma digna para sobrevivência, pois a marca do ser ex-escrava ou mesmo de filha de ex-escrava amortecia as possibilidades de garantir melhores condições sociais.

Seria a consolidação da Spivak em dizer que: “Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (Spivak, 2010, p. 110); e Zefa Cajá carrega a herança da mulher preta que, subalternizada pelos adjetivos pejorativos como a “grande mundana dos cabras do eito” (Rego, 2012, p. 134), é metáfora do deprecamento sexista do patriarcalismo euro-brasileiro, em que coloca as pretas como objetificação, subserviente e sobretudo, agrega a imagem exótica física que serve para a satisfação sexual e a ridicularização de sua imagem na sociedade. Ou ainda, como acrescenta a Grada Kilomba (2020, p. 78): “No racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela do que a sociedade branca tornou tabu”. Essa constatação de que a mulher preta é tida como hostil e atraente, desejável e intimidante, é que cessa o direito de existir como igual.

Em *Becos da Memória*, a personagem Cidinha Cidoca por estar em boca em boca do povo, atinge a loucura e o possível suicídio. Possível, porque, a conclusão em que a narradora chega é de que diante de tantas emanções de abandono, a Cidinha Cidoca tenha tirado a própria vida, o que em nenhum momento foi comprovado. O fato é que a situação enquanto em vida presenciava era um a de encarceramento social, a de que aquele corpo tinha apenas uma função: a de satisfazer olhares e corpos masculinos e a de ser pauta em conversas dos becos favelados. “Além disso, observa-se que há períodos na favela em que o corpo de Cidinha Cidoca é abertamente objetificado, tomado como troféu e diversão dos homens que povoam aqueles becos” (Oliveira; Santos, 2020, p.10). Para Cidinha Cidoca aquilo era uma morte em vida, porque segundo ela, estava morrendo de não viver. Essas fortes palavras atravessam dilaceradamente a consciência do indivíduo que não consegue enxergar além da tragicidade, da morte. A voz que Maria Nova dá a Cidinha Cidoca em revelar o que se passa nas entranhas de uma mulher negra é transcendental, porque apenas estando em tal condição consegue mensurar tamanha tristeza, amargura e o tempo e espaço fechados.

A utilização linguística e física sobre o corpo feminino preto insurge em declarações irredutivelmente antissolidárias, e se agrava numa simbiose social que atravessa gerações. Em nome de uma cultura conservadora e equivocada a conclusão sobre a de que mulher deve se comportar conforme os preceitos patriarcais, enseja a reiterada emancipação de um domínio que se vincula a

pautas políticas, religiosas e sociais, enquanto esses mesmos, ataca e viola a intimidade feminina fazendo-se donos de suas escolhas e de seus corpos.

No âmbito dos estudos literários, Alfredo Bosi (2015) pontua que “A literatura exprime, reapresenta, presentifica, singulariza, enxerga com olhos novos ou renovados os objetos da percepção, ilumina os seus múltiplos perfis e desentranha e combina as fantasias do sujeito” (Bosi, 2015, p. 224). Desse modo, abstrai-se que essa teoria conversa analogicamente à Tânia Carvalhal (2006) quando enfatiza a possibilidade de interpretação a ser construída como meio a fim de a compreensão devida quanto ao meio literário em que a obra se inscreve.

A censura sobre o comportamento feminino regida pela herança controladora histórica, sempre visou limitar o alcance da liberdade, silenciando, humilhando e matando indignamente as possibilidades que as alteridades, em linhas de fuga, se inscrevem. É visível na análise dessas duas obras, como a transitoriedade do fazer literário permite inserir não somente a historicidade fictícia, o recalamento e a articulação contínua que não se anula em subsidiar o machismo, mas num movimento legitimado pelas intersecções que vigoram pequenos ruídos de insatisfação, a propagação identitária vereda a possibilidades promissoras nas lutas feministas.

Bhabha (2013) vem propor que os entre-lugares nos seus mais diversos interstícios, necessita dessa discussão no presente, no agora, a fim de entender quais lugares sociais os sujeitos se constroem ou deixam de construir os seus espaços e representatividades numa lógica política e ambivalente, assim como entender as relações de alteridades em busca de correlações novas. “O que deve ser feito?” (Bhabha, 2013, p. 52). É uma reflexão urgente do novo modo de inserir a literatura e os estudos culturais na atualidade, pois enquanto, se discute as diferenças num plano epistemológico e universal, os privilégios de raça e gênero continuam intactos, conforme Judith Butler (2021).

O entrelaçamento entre objetos literários e teorias que já discorrem tais problemáticas oscila entre a história passada e os anseios futuros, enquanto que, os percursos do presente estagnam ao lidar com as ocorrências do agora. Lélia Gonzalez (2020) afirma que as teorias feministas que combatem as questões de dispositivos de poder do masculino ao feminino, até agora foram feitas às custas da exploração da mulher negra. Esse cuidado na formação pós-moderna de relações culturais que Bhabha (2013) coloca, visa combater também discursos que não enxergam os sujeitos nos seus entre-lugares, como se as lutas pertencessem apenas a uma estrutura já

determinada. Conceição Evaristo em “Questão de pele para além da pele<sup>5</sup>” traz uma reflexão: “Se ainda hoje, na contemporaneidade, é escasso na literatura a personagem feminina negra aparecer como musa, heroína romântica ou mãe, nos quadros mentais e sociais da escravidão tais ficções eram inconcebíveis”. Desse modo, a teoria mencionada anteriormente de Homi K. Bhabha (2013) que se preocupa em propor a anotação das ocorrências que invisibilizam as minorias, faz sentido em constatar que a conclusão de Conceição Evaristo tem validade.

Quando Bourdieu (2021) propõe uma espécie de laboratório para que, aos poucos, se rompam as estruturas e dispositivos de poder, desde esquemas de pensamentos à ruptura das divisões sociais quanto a divisão social do trabalho, porque, segundo ele, “há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais” (Bourdieu, 2021, p. 30). É esta a proposta que visa autenticar passos importantes na mudança do presente a fim de que propostas pós-modernas venham dispor das alteridades de forma mais representativa, identitária. Ainda, o sociólogo Pierre Bourdieu (2021), quando salienta as violências simbólicas fazem com que, de forma universal, os homens controlem as matrizes de percepções de transcendência vigorada a cada passo da história.

Detendo tais poderes, dificulta em tese, o reconhecimento dos dominados em atribuir tais controles, estado de violência que fere a liberdade e acaba atuando como voluntário dessa força maior que estrutura o poder patriarcal. Os efeitos duradouros que a violência simbólica entrava na consciência subalterna da mulher, principalmente no que diz respeito à sexualização de seus corpos, é basicamente patrocinada pela reiterada condição do acatamento dessas forças como absolutas, em que a subserviência, fica patenteadada a ilusória autonomia feminina sobre os seus corpos.

De acordo com Judith Butler (2021) “A ordem simbólica cria inteligibilidade cultural por meio das posições mutuamente excludentes de “ter” o Falo (a posição dos homens) e “ser” o Falo (a relação paradoxal das mulheres)” (Butler, 2021, p.86). As estruturas de poder, pautadas na semântica linguística enseja a atribuição de culpa à mulher por atitudes masculinas quando se sentem atraídos, enfeitiçados ao olhar uma mulher de corpo seduzente, a maioria deles são corpos de mulheres pretas tidos como exóticos, que movem as fantasias e fetiches do homem branco. O curioso é que a praticidade de relações sexuais significa liberdade e virilidade aos homens brancos, enquanto que à mulher, o estigma da preta que só serve para fornicar, trabalhar e ser pauta em

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

memórias que prestam sobre a estereotipação contínua do estado físico da mulher preta promovida no entremeio da violência simbólica e a falsa democracia racial.

Disto isto, enseja que essas heranças também sejam contadas nas perspectivas de quem vivenciou e/ou vivencia tal acometimento de exclusão racial. Diante dos escritos de Conceição Evaristo, que surge em dar vozes às mais variadas personalidades que vivenciam a exclusão, também é inscrita numa assinatura que se confunde com a realidade autoral, em que não concorda com o esquecimento quanto à repressão feminina preta no âmbito social de interação acadêmica científica, e assim surge a voz feminina preta na literatura brasileira.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o curso da análise do objetivo percorrido, acredita-se que a base da Literatura Comparada assentou de forma precisa onde se constitui a intertextualidade conversada entre a narrativa de Rego e da Evaristo. As premissas de aproximação de temas íntimos atribuídos a mulheres negras que encorpam os textos literários em contextos diversos, alinham não somente a historicidade dispositiva nos controles de corpos, mas também como surgem vozes, que promovidas pela hibridização contínua, inscrevem-se na Literatura.

A ficção é o limite da arte entre a realidade sem, no entanto, uma anular a outra. Essa intersecção Inter científica possibilita em miúdos os campos ocupados pelas correntes literárias que versam sobre traços sociológicos, a feminilidade, o intercurso cultural. Nessa senda e, atendendo essas premissas, a evidência transitória de um movimento literário canônico e literatura de minorias, entrelaçam-se quando ambas tratam da mesma temática: a prostituição.

Analisar o corpus comparativo de Zefa Cajá e Cidinha Cidoca enquanto mulheres negras em situação de transgressão aos costumes sociais vigentes de cada época, mas comum a ditadura patriarcal, foi apresentado os múltiplos constituintes dessa situação: a mulher, negra e pobre é negociata e objeto descartado da branquitude classista, heterossexual e racista.

Em toda a construção, obviamente, a ressalva é dos modelos que atravessam os séculos, que servem de pautas literárias para que a sociedade entenda por meio da ficção os entraves contínuos que ainda causam efeitos sórdidos na vida de mulheres negras, pobres, faveladas e sem casamento. São julgadas e jogadas à face da imoralidade, esta que, patrocinada pelos os que condenam, são postas a engolir toda a miséria do patriarcalismo.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- BRUNEL, Pierre. **Que é literatura comparada?** Trad. Célia Berreirim. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo, subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COSTA, Antônio Cleonildo da Silva. **Descompassos de vozes femininas na mega-narrativa de José Lins do Rego**. Pau dos Ferros, RN, 2020.
- COUTINHO, Edilberto. **O Romance do Açúcar**. Rio de Janeiro: José Olympio: INL.1980.
- DERRIDA, Jacques [1930]. **Essa estranha instituição chamada Literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora: Editora UFMG, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- EVARISTO, Conceição in RUFFATO, Luiz. **Questão de pele para além da pele**. Disponível em: <http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Apresentação de Eduardo Portella. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 3. ed. rev. São Paulo: Global, 2015.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano.** Trad. Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise.** Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada:** História, Teoria e Crítica. 3. ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de; SANTOS, Maria Alice de Jesus Pereira dos. **A segmentação das personagens Maria-Nova, Dora E Cidinha-Cidoca em Becos Da Memória de Conceição Evaristo.** (2017). JUÇARA, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 295-312, 2020.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SOUSA, Elri Bezerra de. **Engenhos e personagens da mega-narrativa de Lins do Rego.** Campina Grande: Bagagem, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **História literária. In: Teoria da Literatura.** Trad. José Palla e Carmo. 5. ed. Lisboa: Europa-América, 1965.

**Enviado em: 21/05/2023**

**Aceito em: 24/10/2023**